

6

Discurso na cerimônia de obliteração do selo comemorativo da indicação da Pastoral da Criança ao Prêmio Nobel da Paz

PALÁCIO DO PLANALTO, BRASÍLIA, DF, 10 DE JULHO DE 2002

Meus caros Ministros aqui presentes, Barjas Negri, Juarez Quadros; Senhor Secretário de Comunicação de Governo, João Roberto Vieira da Costa; Dom Raimundo Damasceno, Secretário-Geral da CNBB; nossa querida amiga Zilda Arns, que coordena esse trabalho admirável; Senhores integrantes da Comissão; Senhoras e Senhores,

Quero, apenas, reiterar a minha imensa satisfação em, outra vez, estarmos lançados nessa campanha a favor da concessão do Prêmio Nobel da Paz à Organização da Pastoral da Criança, que é uma ONG, uma Organização Não-Governamental.

Hoje, os Correios, através do Ministro Juarez Quadros e de seu representante, se integram a essa iniciativa. Daí, nós termos obliterado o selo, em homenagem à indicação da Pastoral da Criança ao Prêmio Nobel da Paz. Felicito o Ministro e os Correios, por essa iniciativa.

Nós todos estamos mobilizados, porque todos conhecemos o alcance desse trabalho extraordinário, conduzido com absoluta abnegação pela Doutora Zilda, e que tem, realmente, tido um resultado muito expressivo.

Quero, também, agradecer a ação do Embaixador Baena Soares, e seu empenho na coordenação dessa Comissão. Porque isso mostra que estamos, realmente, dispostos a trabalhar para a obtenção desse prêmio. O prêmio, já o disse bem a Doutora Zilda, é um estímulo a todos: à Pastoral das Crianças, a ela, naturalmente mas a todos nós, porque mostra que estamos fazendo algo que é importante. O vídeo, que acabamos de apreciar, mostra a ação da Pastoral em outros países, para não falar na ação da Pastoral aqui, no nosso país.

A Doutora Zilda mencionou o caráter ecumênico da ação da Pastoral, e, aqui, essa mesa, representa esse ecumenismo. Nós, aqui, temos católicos, protestantes, judeus, muçulmanos; enfim, todos juntos, mostrando que há uma convivência harmoniosa, também, entre nós, aqui, no Brasil, entre os diversos credos e as diversas raças.

Isso, nesse momento tão angustioso da humanidade é, também, motivo de júbilo. A Pastoral é uma espécie de síntese desse movimento, que ultrapassa diferenças. A Doutora Zilda mencionou, partidárias também, e é verdade, e que tem como objetivo a criança.

O fato de que nós temos capacidade de despertar entusiasmos por essas questões é muito significativo. Eu tenho certeza de que a ajuda que o Reinaldo vai dar a essa ação também terá um grande efeito simbólico. Eu sei que o trabalho que ele faz na Unicef já deixa uma marca muito importante.

E, nesse momento em que estamos, aí, na moda, em matéria de futebol, eu acho que a presença de alguém que é cidadão, além de ser um excelente atleta, mas é cidadão – e são muitos os que trabalham, no esporte brasileiro, que têm essa vocação de solidariedade – é uma presença que nos estimula.

Devo dizer que vou pedir, uma vez mais, que o Pelé nos ajude, e que ele, que já fez tanta coisa e que tem tanta preocupação, genuína, pela educação, pelas crianças, que leve até Oslo, ao Comitê do Prêmio Nobel, os anexos do Dossiê da Pastoral, de tal maneira que possamos, realmente, causar um impacto, um impacto muito positivo.

A Doutora Zilda mencionou alguns dos esforços no Exterior. Aqui, no Brasil, tem sido admirável. O Ministro Barjas Negri sabe e, aliás, ele,

desde o início também tem cooperado com os esforços da Pastoral, e já o fizeram os ministros anteriores, notadamente o Ministro José Serra, que teve um contato muito estreito com a Pastoral da Criança. Eles sabem o efeito da Pastoral.

Nós estamos nessa luta pela redução da mortalidade infantil que, por certo e por sorte, tem sido uma luta vitoriosa. A redução dos índices de mortalidade infantil foi muito apreciável. A um ponto tal que, outro dia, na *Folha de S. Paulo*, o Diretor acho que do Banco Mundial disse que não existe – e é bom que os brasileiros e as brasileiras saibam disso – não existe paralelo, na história, de uma redução tão grande dos índices negativos da área social, e um aumento, portanto, dos positivos, quanto o que aconteceu no Brasil, nesses últimos dez anos. Disse que é comparável com o que aconteceu com Cuba e com a China. Só que, aqui, na democracia. A experiência do Banco Mundial não conhece nenhum exemplo de, em tão curto prazo de tempo, ter havido uma redução de mortalidade infantil, um aumento do alfabetismo, portanto, redução do analfabetismo, com tanta velocidade. E isso se refletirá nos índices de desenvolvimento humano. Isso me apraz porque dito por uma pessoa que é insuspeita. Porque tenho ouvido tanta gente falar sobre o que não sabe e dizer que o Governo não olha para o social, então acho que a sociedade está olhando bastante. Mas não está olhando sozinha, está olhando com apoio do Governo e com programas que nós temos levado adiante com muito empenho, para mudar as condições de vida dos mais pobres.

No caso da mortalidade infantil, o que chama a atenção não é só a redução global. Hoje nós estamos abaixo de trinta mortos por mil nascidos vivos. Ainda é muito elevado, mas nos estados do Sul já é de um dígito a mortalidade infantil, ou seja, já corresponde aos países desenvolvidos. Mas o que me chama mais a atenção é a redução nos setores mais pobres, onde os índices eram altíssimos. Agora vão convergindo para a média. Quer dizer, é o esforço da Pastoral, é o esforço do Projeto Alvorada, é o esforço do Médico de Família, dessas comunidades que estão mobilizadas através dos programas da Comunidade Ativa, do Comunidade Solidária. É um conjunto de esforços que está fazendo

com que, finalmente, o Brasil olhe para os mais carentes. Que nós possamos dizer: não está bem, mas vai ser melhor no futuro, porque está melhorando a condição das crianças, e as crianças representam esse futuro.

Isso tem sido feito no Brasil, não apenas com a parceria das organizações não-governamentais e o Governo, mas com todos os níveis de Governo. Eu tenho insistido nesse ponto, porque é importante. Estou chegando ao fim do meu segundo mandato, e se de alguma coisa eu me orgulho, é de que não houve discriminação nem de Estados, nem de municípios e, muito menos, pelo fato de o prefeito ou o Governo ser desse ou daquele partido. Não houve, de forma alguma. A ação é, absolutamente, uma ação com vistas ao povo, à população.

É habitual dizer, pelo menos nas chamadas emendas parlamentares, é comum dizer-se: “O Governo mandou fazer, pagar tal coisa, porque vai ter aprovação de tal lei”, primeiro dá a impressão que a emenda é para os parlamentares, mas são propostas feitas pelos municípios. Pois bem, esse ano eu disse, vou dizer claramente: “Libera de todos, dentro de um montante que é um montante possível para todos”. O ano é de eleição, para a oposição, para a situação. Não quero saber. Libera. O que for justo, libera para todos.

Porque acho que a democracia leva a isso. Eu acho que o exemplo da Pastoral é um exemplo de democracia, porque é um exemplo, já disse a Dra. Zilda, que vem embasado nesses valores de solidariedade, que transcendem as diferenças eventuais, até ideológicas e, mais ainda, partidárias.

De modo que nós temos visto que, com isso tudo, vamos, pouco a pouco, melhorando. Esses programas ajudam a erradicar a fome infantil, melhorar o nível de nutrição, diminuir a desnutrição no Brasil. Agora, pela primeira vez, o IBGE está fazendo, começou agora, uma pesquisa que vai permitir dizer algo de mais concreto sobre essas questões. Porque é uma pesquisa direta, são 60 mil casos, mas é uma ampla mostra em que vai se examinar, efetivamente, como é que a pessoa vive, o que faz do seu orçamento. Porque, muito freqüentemente, o que nós temos, no Brasil, são inferências numéricas a partir de hipóteses. E

depois de dar concreção, como se aquelas inferências tivessem uma relação direta com o que está ocorrendo.

Ontem, numa palestra que fiz no Rio de Janeiro, o Ministro Luiz Felipe Lampreia assistiu, acrescentei uma informação, que acho que os brasileiros precisam saber, porque está na mesma linha da proposta da Pastoral. Eu disse: “Olha aqui, eu vejo, sempre, os dados sobre a distribuição de renda no Brasil. Ela é muito ruim. É uma das piores do mundo. Não piorou.” O Coeficiente Gini, que é o que mede isso, mostrou que houve uma pequena melhoria, mas insignificante.

Não obstante, o que está por trás disso? O que está por trás disso é a renda do trabalhador. É a renda. Porque a pessoa recebe do trabalho e do capital. No caso dessa distribuição é a do trabalho. Há uma concentração. Não está computado o que existe de transferência de renda. E, pela primeira vez na nossa história, graças à democracia, que leva a isso, o Governo Federal redistribui, diretamente à população, tudo que recebe de imposto de renda da pessoa física e da pessoa jurídica. Os brasileiros não sabem disso.

Isso significa que são, este ano, cerca de 30 bilhões de reais, distribuídos sob a forma direta, ou seja, o cartão Bolsa-Escola, a questão da Bolsa-Alimentação, o Programa de Erradicação do Trabalho Infantil, a Loas, que oferece apoio aos idosos que não têm recursos, aos que são portadores de insuficiências físicas, àqueles que não contribuíram e que estão sendo aposentados no campo. Soma isso tudo, dá 30 bilhões. Se somar tudo que se arrecada do imposto de renda da pessoa física e das empresas, da pessoa jurídica, uma parte fica no Governo Federal, e uma parte disso vai para os Estados e municípios. Metade fica com o Governo Federal, devem ser 26 bilhões, 24, 26 bilhões. Redistribuímos sob forma de dinheiro e vai para a mãe de família, principalmente, não só, mas principalmente, é mais do que se toma de imposto de renda.

Como é que se redistribui renda então? Eu não sei outro modo. O outro modo não é o Governo, são as empresas, que aumentem os salários. Ou então é a sociedade, no seu conjunto, que aumenta o crescimento da economia. Mas o Governo está fazendo sua parte. Pela primeira vez, na nossa História, criamos mecanismos que levam automaticamente à

redistribuição de renda. Só que essa renda não entra no cálculo do IBGE. Porque isso não é renda do trabalho, então isso não entra no IBGE. Dizem: “Ah, a situação não melhorou a distribuição de renda.” Um pouquinho, mas melhorou. O mais pobre, esse passou a ter algum apoio.

Permito-me dizer isso, porque vem nessa mesma linha do que nós estamos querendo fazer. Chamar a atenção para que há muitos problemas no Brasil, mas chamar a atenção para que há muita gente de boa vontade. Chamar a atenção porque há muita gente competente, chamar a atenção porque há muita organização como a Pastoral da Criança, e são muitas as que trabalham. Essa é a que mais se destaca, e por isso merece o nosso entusiasmo, mas são muitas ações que, em conjunto, vão mudando esse país. E que o Governo não está alheio a essa mudança e está trabalhando para aumentá-la. Até mesmo através da Pastoral da Criança, que recebeu um apoio direto, em recursos, bem empregados, porque sai mais barato utilizar a Pastoral da Criança do que os outros mecanismos de atendimento às crianças e às pessoas mais carentes.

Eu quero simplesmente dizer, depois de ter feito essas explicações, do porquê que me entusiasma tanto nós estarmos nessa empreitada. Quero dizer que tenho orgulho de ter uma relação de amizade com a Dra. Zilda Arns. Não podia deixar de lembrar seu irmão, Dom Paulo, que é meu amigo fraterno, e que nos momentos mais difíceis da minha vida, momentos de ditadura, momentos em que as pessoas às vezes se esquecem do que é uma ditadura, momentos em que jogaram uma bomba no escritório em que eu trabalhava, e que tocaram fogo em parte dos meus livros. A primeira pessoa que apareceu lá foi Dom Paulo. Quero dizer que tenho muita satisfação de que essa Pastoral seja conduzida pela senhora, sob a inspiração que, oxalá, seja de todos nós, de seu irmão, de Dom Paulo.

Quero agradecer imensamente a ação prestante de todos os que aqui estão e que sei que representam muita gente do Brasil e que representam, sobretudo, um espírito, que é um espírito que tem que ser o nosso espírito de futuro, que é de solidariedade.

Muito obrigado.